

OLAVO DE CARVALHO “PROFETIZA” QUE NINGUÉM JAMAIS VAI “COMER” JEAN WYLLYS: ANÁLISE DE CASO SOBRE O POLEMISMO E A HOMOFOBIA NA OBRA DE OLAVO DE CARVALHO

OLAVO DE CARVALHO MOCKS AND OFFENDS JEAN WYLLYS: POLEMICS AND HOMOPHOBIA IN THE
“BOLSOLAVISM”

Mário Jorge de Paiva

Doutor e mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), atualmente é professor estadual, alocado na Diretoria de Santos (SP), tendo como sua sede a Escola Estadual Ary de Oliveira Garcia. Membro da Associação Brasileira de Estudos da Trans-Homocultura (ABETH). E-mail: mariojpaiva91@gmail.com.

RESUMO

O artigo visa explorar uma relação existente entre a direita e o movimento LGBTQIA+, tendo por base um recorte do programa *on-line True Outspiek*, de 2012, em que Olavo de Carvalho e Flávio Bolsonaro estão discutindo a questão da dita agenda gayzista. Desejamos usar um amplo aporte teórico para abordar esse cruzamento ainda pouco estudado nos trabalhos acadêmicos do Brasil; nosso artigo é uma abordagem que se fia em uma hermenêutica do material, como é igualmente uma continuação de nossos trabalhos anteriores sobre História das Ideias, ou seja, é uma análise qualitativa. Em termos de conclusão, vemos que há em certos agentes da direita radical, aqui Olavo de Carvalho e Bolsonaro, um elemento de homofobia, mesmo quando eles dizem que não são homofóbicos.

Palavras-chave: Olavo de Carvalho; bolsonarismo; direita; homofobia; Brasil.

ABSTRACT

This article aims to discuss the relationship between the right-wing and the LGBTI+ movement, based on a moment presented in the online program True Outspiek from July 11, 2012, in which Olavo de Carvalho and Flávio Bolsonaro are discussing the issue of the so-called gay agenda. In terms of methodology or theoretical framework, we wish to use a broad theoretical framework to think this intersection that has still been little studied in academic works. In general, our article is a text that relies on an interpretation of the material, so it's a qualitative analyses. In terms of conclusion, this work follows our previous productions, there is an element of homophobia in certain agents of the radical right, here Olavo de Carvalho or Bolsonaro, even when they say they are not homophobics.

Keywords: Olavo de Carvalho; bolsonarism; homophobia; Brazil.

Introdução

"Dizer que você vai ter orgulho disso?"

Flávio Bolsonaro, sobre o nascimento de um filho *gay* (#2 Olavo..., 2018)

Como apresentamos em Mário Paiva e Theo Villaça (2023), acreditamos que o número de estudos sobre a direita¹ está aumentando. Isso tem relação com o surgimento de um novo tipo de direita, como novas estratégias eleitorais (Nicolau, 2020), que obteve sucesso em capturar o discurso público e uma parte da imaginação das pessoas.² Por isso, a conjuntura ajudou no impulso de uma nova leva, nacional e internacional, de estudos diversificados sobre a direita em diferentes frentes. Fala-se, hoje, da direita radical (Caiani, 2017; Davey; Ebner, 2017; Fagerholm, 2016; Gaston, 2017; Löwy, 2015), da relação entre populismo e autoritarismo (Lynch; Cassimiro, 2022; De La Torre, 2025), do avanço das teorias da conspiração (Stockemer; Bordeleau, 2025), do problemático conceito de ideologia de gênero (Bortolini, 2023) etc.

Nossos estudos sobre o tema da direita, olhando de modo retrospectivo, são variados: já analisamos conceitualmente o pensamento conservador (Paiva, 2021b), discutimos como Olavo de Carvalho tinha ideias políticas da direita radical (Paiva, 2021a), comentamos uma possível relevância intelectual de L. F. Pondé e R. Constantino (Paiva, 2021b) e tentamos falar do impacto da direita no campo da educação (Azevedo; Paiva, 2022). Nosso último esforço, ao qual aqui retomamos, é analisar tal relação da direita com pautas LGBTQIA+ (Paiva, 2024).

Como apontamos, a direita não é unitária em seus pensamentos sobre a causa LGBTQIA+ (Paiva, 2024). Alguns entes são mais liberais, outros autores famosos da direita provavelmente nem abordam esse tipo de coisa e há, claro, os mais reacionários e homofóbicos. Sempre lembrando que ser *gay*, lésbica etc. não garante, como já foi dito por outros antes de nós (Halberstam, 2020; Mieli, 2023), uma posição política de esquerda ou revolucionária. Milo Yiannopoulos é o perfeito exemplo de um *gay* que adora chupar “pirocas negras” e, mesmo assim, é, ou foi, um estridente defensor da direita e de Trump.

Nosso presente trabalho é um estudo de caso tendo por base um trecho do programa *True Outspiek*,³ de 11 de julho de 2012. O episódio dessa data, em específico, ganha destaque nosso por ter sido o dia da entrega da Medalha Tiradentes⁴ para Olavo de Carvalho, pelas mãos do

¹ Para uma discussão sobre o que é a direita, é sempre bom começar por Bobbio (1995).

² Ver, por exemplo, Empoli (2020).

³ Programa *on-line* e periódico de Olavo de Carvalho, em que ele falava de filosofia, política e atualidades. É possível acessar tal material pelo canal Mídia Sem Máscara, no YouTube.

⁴ Uma honraria concedida pelo Legislativo do estado do Rio de Janeiro.

deputado estadual Flávio Bolsonaro, que assim participou do programa, tendo ido à casa de Carvalho nos Estados Unidos.

Metodologicamente, nosso trabalho se dividiu nas seguintes etapas: primeira, um acúmulo, durante anos, de leituras sobre a direita, isso inclui as obras de Olavo de Carvalho. Lemos desde seus textos mais famosos, como *O jardim das aflições* (Carvalho, 2015) e *O imbecil coletivo* (Carvalho, 2018), até trabalhos que nem o próprio autor considerava de máxima importância, *vide* seu curso de história essencial de Filosofia, dividido em 32 aulas. Vale até dizer que chegamos a ser *alunos* de Olavo de Carvalho⁵ durante curto espaço de tempo, porque fizemos seu curso *on-line*, depois transscrito e adaptado para livro, sobre Mário Ferreira dos Santos. Segunda etapa, uma releitura de partes de nossa própria produção nesse tema da direita, para rememorarmos o que escrevemos sobre tal direita brasileira. Terceira, rever o vídeo selecionado para desenvolver o tema aqui abordado. Quarta, a produção do presente artigo, como apenas mais uma possível peça para ajudar no destrinchar sobre o que é a direita radical no Brasil contemporâneo.

O artigo se divide em quatro partes principais. Há um seguimento mais teórico sobre essa relação entre direita e as pautas LGBTQIA+, há um segmento mais específico sobre a retórica de Olavo de Carvalho, em que faremos tal análise do material recortado mencionado, e há também introdução e considerações finais.

Último comentário desse seguimento, agradecemos o colega Guilherme Leite pelo convite para fazer parte de tal dossier, sem esse convite o presente artigo não existiria.

[A relação da direita com questões LGBTQIA+](#)

Como já apontado, a direita não é um grupo uniforme. Chamar alguém de liberal (Chaloub, 2015; Merquior, 2014), conservador (Kirk, 2008, 2011, 2014, 2016, 2020; Coutinho, 2014; Oakeskott, 1981; Trigueiro, 2017; Lynch, 2008, 2016) ou reacionário (Lilla, 2018; Paiva, 2021b) não é a mesma coisa, sempre lembrando que essas identidades são complexas, logo possuindo elementos de contato, mutação, contexto *and so on*. Por isso, por essa não homogeneidade e por essa complexidade, a direita não possui um registro único de postura diante de tais causas LGBTQIA+. Valendo apontar, igualmente, que o mesmo princípio de complexidade vale para a esquerda, ela também não teve uma postura única diante da causa LGBTQIA+, como bem aponta o próprio James Green (2019, 2024), ao mostrar como vários de seus **caminhos**, como um “viado vermelho”, foram barrados dentro de grupos políticos marxistas etc.

Sobre a relação da direita e da condenação da homossexualidade, vale dizer como podemos encontrar rastros de homofobia dentro de uma visão tradicionalista religiosa (Paiva, 2021b), lembrando como tais práticas foram associadas ao pecado nefando e perseguidas durante muito tempo (Andrews *et al.*, 2024; Trevisan, 2018). Por isso, não é novidade associar certa visão judaico-

⁵ Para que não exista questão aqui, nunca fomos fãs de Olavo, sempre fizemos uma análise crítica do material com inúmeras discordâncias.

cristã ao ato de perseguição de homossexuais (Andrews *et al.*, 2024; Mieli, 2023; Trevisan, 2018), mesmo que hoje a igreja de Roma esteja abarrotada de homossexuais em seus meios.

Autores modernos, pilares da direita, como John Locke, David Hume, Edmund Burke, talvez nunca tenham tratado desse tipo de questão de modo aprofundado (Paiva, 2024). Já os autores da direita contemporânea se mostram com essa mencionada postura diversificada. Russell Kirk, ao falar da suposta homossexualidade de T. S. Eliot, disse que aquele não era “seu pecado”, ou algo do gênero; fica clara sua associação de tal elemento com algo negativo. Roger Scruton apresenta essa questão homossexual enquanto algo normal. Desde que haja uma parceria romântica entre suas partes, é um tudo-bem ser *gay* desde que você viva em um regime de amor, união, nada de “piranhagem” por aí. Gilberto Freyre, para sua época, falou da homossexualidade com bastante normalidade graças aos seus fortes elementos antropológicos. Já Gustavo Corção, uma das bases intelectuais cristãs de Olavo de Carvalho, viu a homossexualidade como algo ruim, **antinatural**. Nelson Rodrigues, que inclusive se desentendeu com Corção e o criticou duramente (Paiva, 2021b), via mais uma dimensão trágica da homossexualidade, dentro da decadência urbana rotineiramente tratada em sua obra. Paulo Francis, de nosso recorte de estudos, foi um dos autores contemporâneos de direita que atacou de modo mais nojento o campo LGBTQIA+, valendo lembrar também como há mais de um(a) pesquisador(a) chamando-o de racista, mas nunca nos aprofundamos nessa questão. Outro autor que faz duras críticas ao meio LGBTQIA+, algumas involuntariamente cômicas pelo ridículo ululante, é Rodrigo Constantino, que já falou que vivemos numa **espécie** de ditadura *gay*, existindo uma **gaystapo** (Paiva, 2021b, 2024). Oh, coitado do Constantino, oprimidíssimo pelos malignos *gays* e *trans*, talvez tenha até terríveis pesadelos sendo perseguido por Foucault em trajes sadomasoquistas.

Por tais elementos, nossa conclusão parcial é que a direita, em seu todo, não é homofóbica, ou algo assim (Paiva 2019, 2021a, 2021b, 2024).

Medo e delírio na Virgínia

No trecho do referido vídeo em questão, eles, Carvalho e Flávio Bolsonaro, já começam falando da suposta existência do *kit gay* (Bortolini, 2023) e louvando o então deputado Jair Bolsonaro, enquanto a pessoa que revelou tal esquema maligno (#2 Olavo..., 2018). Por isso, o vídeo, em menos de 1 minuto, já possui desinformação ou, na melhor das hipóteses, informações passadas com um fortíssimo viés de confirmação. Então, Olavo de Carvalho fala que **eles**, e não explica exatamente quem são **eles**, querem fazer clientela para os pedófilos e que todos já perceberam isso; ou seja, mais uma vez está fazendo uma bastante problemática associação da causa LGBTQIA+ com uma prática altamente condenável na sociedade; logo, há, aqui, falácia e elemento de uma comunicação agressiva, como já tratamos antes (Paiva, 2021b).

Falam, na sequência, sobre essa suposta destruição da família, enquanto o principal núcleo de resistência ao poder do Estado; depois, passam a discutir os métodos da esquerda de



mentiras, porque a esquerda pegaria bandeiras politicamente corretas, aparentes causas justas, porém, por baixo das boas intenções, haveria o maligno esquema de poder (#2 Olavo..., 2018). Essas questões do medo do fim do mundo como o conhecemos, da urgência, e a produção de um poderoso inimigo, meio genérico e maleável, dependendo da ocasião, não são tópicos novos para qualquer pessoa que já tenha começado no estudo da direita radical.

Fala Olavo que: “Esse negócio de rotular de homofóbico, homofóbico é a sua mãe” (#2 Olavo..., 2018). Percebemos como, mais uma vez, em vez de argumentos surgem ataques e desvios. Olavo continua: “Jean Wyllys, você já olhou no espelho? Você acha que alguém vai “comer” você, rapaz? [...] Tu é feio que dói, rapaz. Imagina você virar aqui e mostrar esse seu “cu” peludo e eu ficar atraído com isso. Tu tá é doido!” (#2 Olavo..., 2018). Nesse momento patético (e de falta de civilidade), Flávio Bolsonaro ria. A chacota, o desrespeito, a carnavaлизação do debate e da cena pública também é um tipo de linguagem agressiva e estratégia política, um fator para impossibilitar o diálogo nos termos mais rotineiros de um debate relevante.

O próximo passo de Olavo, depois de mais falas desrespeitosas sobre Wyllys, é se voltar a Luiz Mott. Comenta, de novo, a história de que Mott teria feito sexo com 500 homens; contudo, afirma agora que isso é mentira, porque se ele transou com cinco foi muito e ainda pagou por isso. Dessa fala sobre Mott, passa Olavo a dizer que o número de líderes *gays* favoráveis aos atos de pedofilia é enorme (#2 Olavo..., 2018), todavia não apresenta um dado, uma fonte. Mesmo com fontes, entrariamos, novamente, em um debate sobre a qualidade das fontes desses entes da direita radical; lembremos quando Constantino escreveu que Hitler se imaginava o grande realizador do marxismo (Paiva, 2021b) ou mesmo quando Constantino (Foucault..., 2013), confundindo Foucault com algum outro membro da esquerda francesa, disse que Foucault odiava os Estados Unidos e criou a teoria de **hegemonia de poder**.⁶

Fala Carvalho que Wyllys luta pela liberação da pedofilia, apontando, mais uma vez, um suposto vínculo entre essas pautas LGBTQIA+ e a pedofilia (#2 Olavo..., 2018). Flávio Bolsonaro, após reclamar de parlamentares que apoiam financeiramente passeatas LGBTQIA+, chama isso de a “decadência” do ser humano, chamando a parada do orgulho de São Paulo de algo “assustador” (#2 Olavo..., 2018). Para nós, parece muito claro como eles estão sendo homofóbicos.

Olavo fala que os LGBTQIA+ podiam ter defendido sua causa de uma maneira discreta, tranquila, mas escolheram o escândalo, a esculhambação; e de escândalo e esculhambação sabemos que Olavo de Carvalho entende. Carvalho diz que isso foi feito propositalmente, para chocar os religiosos, porque causaria uma reação emocional contra o homossexualismo e os LGBTQIA+ terminariam usando tal elemento como prova da homofobia (#2 Olavo..., 2018).

⁶ Lembrando que esse intelectual francês adorou os Estados Unidos, como mais de uma fonte bibliográfica aponta, e inclusive refletiu sobre ir morar lá, além do fato de que uma teoria sobre hegemonia está muito mais associada ao Gramsci do que qualquer fase da obra de Foucault.

Vemos, aqui, como Olavo prossegue na insistência do termo **homossexualismo**, assim como está falando de uma guerra psicológica, cultural, contra os religiosos etc.

Olavo aponta que uma cruzada contra o **homossexualismo** é besteira, pois ele existe desde a queda de Adão (Carvalho, 2018), e aqui não nos esquecemos como Olavo pode ser lido como um religioso reacionário, com elementos esotéricos de seu passado na Astrologia, na magia etc.; logo, para Olavo, o certo seria lutar contra a “legislação gayzista”. Fala Carvalho, na sequência, que acha que a maioria dos *gays* estaria do “nossa lado” se entendessem a mentira constitutiva desse movimento (#2 Olavo..., 2018). Como em outros textos, Carvalho faz fortes afirmações com pouco aporte, poucas fontes confiáveis.

Olavo fala que é uma palhaçada “isso de identidade *gay*”. Ser *gay*, aparentemente, seria só o que uma pessoa faz entre quatro paredes na hora do sexo; mas uma vez, são comentários tão fora da realidade, de alguém que parece ter refletido tão pouco sobre o tema, que chega ao elemento tragicômico. Carvalho diz que *gays* mostram, continuamente, sua excitação sexual, dentro ainda dessa discussão sobre o que seria uma identidade *gay* (#2 Olavo..., 2018); ou seja, aqui, poderíamos ler que ele está chamando *gays* de menos morais que héteros, por não saberem, ou quererem, controlar seus impulsos sexuais. Aqui, mesmo em uma visão distorcida de realidade, ele começou a falar, em algum nível, que *gays* possuem mais direitos, ou direitos diferentes, que pessoas heterossexuais.

Aponta Olavo uma **pseudociência** que abordaria tais construções sociais em vez da natureza humana (#2 Olavo..., 2018), então, além de possivelmente uma falácia naturalista, de forma alucinada, ele parece chamar Antropologia, Metafísica de Gênero (Díaz-León, 2024) etc. de falsos campos.

Diz Olavo que casamento *gay* jamais existiu, todavia se contradiz na sequência, pois aponta que Nero e Calígula tiveram casamentos *gays*, mas nem eles teriam tido a “cara de pau” de tornar isso lei (#2 Olavo..., 2018). Além da contradição, há dois problemas aqui. Primeiro, essa falácia de tentar justificar logicamente o presente por práticas passadas; segundo, falar que isso teria sido “cara de pau”, ou seja, há um problema de anacronismo, afinal, obviamente, esse mundo clássico greco-romano não seguia regras morais iguais ao nosso modelo. Enfim, basta ler Foucault (2010, 2011, 2019).

A pessoa pode ser homossexual e normal, aponta Carvalho, lembrando até da literatura homossexual católica (#2 Olavo..., 2018). Então, seu problema, não seria a homossexualidade, mas uma **imposição da identidade *gay*** como um direito; essa é uma separação que faz bem pouco sentido na nossa leitura. Falando Olavo que a conduta homossexual é legitimada se for “descente” (#2 Olavo[...], 2018), ele foi bem conservador. Olavo aponta que não quer aceitar uma “suruba *gay*” como uma conduta legítima, e aqui podemos dizer, não sem ironia, que se ele não achava legítimo, ora, bastava não ir em surubas *gays*. Quem falou que os *gays* iam querer Olavo

de Carvalho em suas surubas? É uma rejeição mútua. Eu, pelo menos, nunca iria numa suruba *gay* em que estivesse presente Olavo de Carvalho. Vocês iriam?

Fala Olavo que essa base homossexual não possui base anatômica; logo, ela é psicológica, por isso o “cara” termina por expressar seu desejo 24 horas por dia (#2 Olavo..., 2018). Aqui, Carvalho continua a Psicologia e a Neurociência de botequim; essa “mania” de querer ser polímata sempre produz pérolas. Agora, se for um homossexual normal, fala nosso autor (#2 Olavo..., 2018), o homossexual entende que só deve expressar **isso** na hora do ato sexual.

Já Flávio Bolsonaro acha um absurdo algumas judicializações, como o “cara” entrar na justiça porque foi chamado de veado (#2 Olavo..., 2018), ou seja, deveria ser legal até hoje, nessa visão, ofender um *gay* no meio da rua. Bolsonaro, na sequência, começa com o discurso, vencido na Psicologia, de que é uma “opção” essa sexualidade da pessoa. Criticando igualmente o posicionamento jurídico de se ler a homofobia como análoga ao racismo, sobre esse tópico, em específico, vale dizer que esse foi o paradigma que venceu, graças ao julgamento histórico do Supremo Tribunal Federal sobre tal questão.

Olavo termina o vídeo falando de um duplo padrão: de um lado, há uma enorme demonstração de poder e obscenidade nas paradas *gays* e, do outro lado, os LGBTQIA+ se fazem de “coitadinhos”. Falando de uma estimulação contraditória para paralisar o observador, e que tudo isso foi elaborado por engenheiros comportamentais, sendo uma estratégia psicológica de uma perversidade sem fim (#2 Olavo..., 2018), logo, Olavo continua falando, de certa forma, de uma guerra cultural das malvadas elites **gayzistas** contra o povo – nada novo aqui sob o sol.

Como vimos, com todos esses elementos, há uma mistura que vai desde uma leitura enviesada e sentimental das discussões jurídicas que existiam no período, passando por uma defesa do mandato de Jair Bolsonaro (então deputado federal), até uma visão negativa e problemática do que foram as lutas e a história do movimento LGBTQIA+. Olavo, em sua vulgaridade rotineira, chama a atenção por seus palavrões, suas discussões sobre cus e suas ofensas a terceiros, enquanto defende o cristianismo, a dita família tradicional etc.

Aqui, até propomos um conceito para se entender o estilo argumentativo presente em Carvalho, o de **polemismo lógico filodoxo de direita**. Vamos por termos. O **polemismo**, em si, já abordamos antes (Paiva, 2021b), como ele é uma ferramenta útil e sentimental para atrair leitores e espectadores. O termo **lógico** se refere ao elemento, comum em certos trabalhos de Olavo, que é o de dar uma aparência de análise lógica, aparência analítica, enquanto estilo, mas isso esconde uma série de erros, premissas erradas, conclusões erradas, fontes duvidosas. Já a **filodoxia de direita** se refere ao elemento de reafirmação de premissas conservadoras ou reacionárias, é uma reafirmação da heteronormatividade. Nessa defesa do “normal”, das coisas como sempre foram, vemos pouco do papel reflexivo e crítico proposto pelas Ciências Sociais ou pela Filosofia.

Considerações finais

Muitos dos que não viram o fenômeno olavista ou bolsonarista em ação talvez tenham dificuldade de entender seu clima de exceção, mas com elementos de ridículo, de perpétua carnavaлизação, distorção das coisas, para ajudar no ato de minar tal confiança nas instituições e no modelo da democracia representativa. Em um primeiro momento, tudo pode parecer palhaçada, bravata, mas vemos como tais palhaços devem ser encarados com seriedade.

Olavo de Carvalho representa uma direita radical – de conservador há elementos, mas o que ele prega é, muitas vezes, fora da “casa” de um tranquilo e reformista conservador, nos termos de Burke ou Oakeshott. Carvalho foi uma peça importante na radicalização do Brasil – quem acompanhou suas redes sociais, enquanto ele era vivo, sabe de sua luta constante por radicalização e de seus rompantes raivosos contra opositores, incluindo alas moderadas das Forças Armadas. É fácil supor que Carvalho sabia da ideia de dar um golpe de Estado, incluindo minuta golpista, planos para destituir opositores etc. Tal autor faleceu antes de ver o desfecho do governo Bolsonaro, porém é razoável supor que Carvalho apoiaria a tentativa de golpe do 8 de janeiro. É muito clara, em sua obra, uma defesa da quebra da ordem política vigente (Paiva, 2021a), e, por sua obra, estamos incluindo suas postagens raivas, incendiárias, em seus perfis nas redes sociais.

Muitas coisas da estética do **bolso-olavismo** soam *kitsch* para nós, usando uma linguagem simples, é uma “estética escrota”, de vergonha alheia, baixa intelectualidade, sentimentalismo velho; porém, isso dialoga com muita gente com baixo acesso ao capital cultural, muita gente que vê na religião e na Bíblia um quase único acesso ao material de um conhecimento mais amplo, o que também não significa que esse pessoal saiba fazer uma boa hermenêutica bíblica. Como Castro Rocha (2023) aponta, há, muitas vezes, nessa gente, uma visão escatológica de mundo, em que a luta teológica saiu do âmbito puramente religioso e passou para uma teologização da política. Logo, o mesmo, ou similar, fervor religioso se torna uma moeda de troca para a “tia do zap”, que fica o dia inteiro espalhando *fake news*, pois está indignada com os rumos do mundo, da sociedade, e isso dialoga com algum tipo de frustração pessoal. Não esqueçam como há pesquisas de Psicologia, por exemplo, sobre o perfil dos entes que acreditam em teorias da conspiração (Stockemer; Bordeleau, 2025).

Em algum momento proporemos melhor a ideia de um conceito como o de **queer reacionário**, ou **queerreacionário**. O que queremos dizer com isso é claro: os mais fanatizados, pelo menos uma parte deles, está tão fora do padrão que é um grupo estranho ao elemento modal da sociedade, disso, como na teoria *queer*, nasce a possibilidade de uma política de alianças de excluídos, que usam da *internet* para formar uma linguagem e um movimento mais articulado, bem estranho, muitas vezes ridículo, para os que estão fora. O contra-ataque reacionário envolve pessoas que realmente estão fora do lugar, e querem uma ruptura acontecimental, que vai trazer relevância para suas vidas, muitas vezes, bem medíocres, e vai restaurar uma parcial

"Era de Ouro", representada pela Ditadura Militar, mas atualizada com a figura de um novo grande líder, que é Bolsonaro, visto não como um parlamentar medíocre e, durante muito tempo, inexpressivo em âmbito nacional, mas como um instrumento de Deus; eis o elemento escatológico.

Sobre o uso de termos depreciativos como **gayzistas** ou **gaystapo**, acreditamos que o melhor seria nos apropriarmos desses termos, de modo irônico, jocoso, para mostrar o ridículo de certos entes da direita, *vide* Olavo ou Constantino. Algo similar, de ressignificação de negativo para positivo, ao que foi feito com termos como **queer**, que fez surgir a teoria *queer*, ou **vadias**, que foi apropriado pela Marcha das Vadias, ou ainda **gay agenda**.

No presente artigo, tentamos dar uma contribuição para essa discussão bastante complexa, até por envolver muitas variáveis. Aqui, nosso ponto central se voltou para uma discussão sobre a relação entre essa direita nacional e o movimento LGBTQIA+. Nossa conclusão permanece sendo que Olavo possui elementos de homofobia em seus discursos.

Referências

- # 2 OLAVO de Carvalho: relação entre gayzismo e pedofilia. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (17min33s).
Publicado pelo canal X X. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_bU2ZZH1HGo. Acesso em: 30 mar. 2025.
- ANDREWS, John et al. *O livro da história LGBTQIAPN+*. Tradução: Ana Rodrigues. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2024.
- AZEVEDO, Gustavo Cravo; PAIVA, Mário Jorge de. Introdução para uma análise sobre o pensamento conservador brasileiro no período mais recente da presença obrigatória da Sociologia no Ensino Médio (2008-2018). *Educação Unisinos*, São Leopoldo, v. 26, p. 1-13, 2022.
- BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: as razões e significados de uma distinção política*. Tradução: Marco Aurelio Nogueira. São Paulo: Unesp, 1995.
- BORTOLINI, Alexandre. *É pra falar de gênero sim*. Brasília, DF: [s. n.], 2023.
- CAIANI, Manuela. Radical right-wing movements: who, when, how and why? *Socopedia.isa*, [s. l.], p. 1-15, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/323951576_Radical_right-wing_movements_Who_when_how_and_why. Acesso em: 26 out. 2020.
- CARVALHO, Olavo. *O imbecil coletivo*. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- CARVALHO, Olavo . *O jardim das aflições*. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- CHALOUB, Jorge Gomes de Souza. *O liberalismo entre o espírito e a espada: a UDN e a República de 1946*. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

- DAVEY, Jacob; EBNER, Julia. *The fringe insurgency: connectivity, convergence and mainstreaming of the extreme right*. Londres: ISD, 2017. Disponível em: <https://www.isdglobal.org/wp-content/uploads/2017/10/The-Fringe-Insurgency-221017.pdf>. Acesso em: 26 out. 2020.
- DE LA TORRE, Carlos. *Populism and fascism*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2025.
- DÍAZ-LEÓN, Esa. *The metaphysics of gender*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2024.
- COUTINHO, João Pereira. *As ideias conservadoras*. São Paulo: Três Estrelas, 2014.
- EMPOLI, Giuliano da. *Os engenheiros do caos*. Tradução: Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio, 2020.
- FAGERHOLM, Andreas. Comparing far right and far left parties in contemporary Europe: a set-theoretic approach. *ECPR*, [s. l.], 7 set. 2016. Disponível em: <https://ecpr.eu/Filestore/PaperProposal/795cee26-7680-4436-9cco-of893fd2307c.pdf>. Acesso em: 26 out. 2020.
- FOUCAULT e anarquistas. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (13 m 13 s). Publicado pelo canal Rodrigo Constantino. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XyX42yV-Dnw>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: 2: o uso dos prazeres*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: 3: o cuidado de si*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: 4: as confissões da carne*. Tradução: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 2019.
- GASTON, Sophie. *Far right extremism in the populist age: briefing paper*. [S. l.]: Demos, 2017. Disponível em: <https://www.demos.co.uk/wp-content/uploads/2017/06/Demos-Briefing-Paper-Far-Right-Extremism-2017.pdf>. Acesso em: 26 out. de 2020.
- GREEN, James Naylor. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Tradução: Cristina Filho, Cássio Arantes Leite. São Paulo: Unesp, 2019.
- GREEN, James Naylor. *Escritos de um viado vermelho*. São Paulo: Editora Unesp, 2024.
- HALBERSTAM, Jack. *A arte queer do fracasso*. Tradução: Bhuvi Libanio. Recife: Cepe Editora, 2020.
- KIRK, Russell. *A era de T. S. Eliot*. Tradução: Márcia Xavier de Brito. São Paulo: É Realizações, 2011.
- KIRK, Russell. *A mentalidade conservadora: de Edmund Burke a T. S. Eliot*. Tradução: Márcia Xavier de Brito. São Paulo: É Realizações, 2020.
- KIRK, Russell. *A política da prudência*. Tradução: Gustavo Santos, Márcia Xavier de Brito. São Paulo: É Realizações, 2014.
- KIRK, Russell. *Edmund Burke: redescobrindo um gênio*. Tradução: Márcia Xavier de Brito. São Paulo: É Realizações, 2016.
- KIRK, Russell. *The conservative mind*. Tennessee: Lightning Source, 2008.

- LILLA, Mark. *A mente naufragada*. Tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 124, p. 652-664, 2015.
- LYNCH, Christian. O caleidoscópio conservador: a presença de Edmund Burke no Brasil. In: KIRK, Russell. *Edmund Burke: redescobrindo um gênio*. Tradução: Márcia Xavier de Brito. São Paulo: É Realizações, 2016. p. 479-528.
- LYNCH, Christian. O pensamento conservador ibero-americano (1808-1850). *Lua Nova*, São Paulo, n. 74, p. 59-92, 2008.
- LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. *O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo*. São Paulo: Contracorrente, 2022.
- MERQUIOR, José Guilherme. *O liberalismo: antigo e moderno*. São Paulo: É Realizações, 2014.
- MIELI, Mario. *Por um comunismo transexual*. São Paulo: Boitempo, 2023.
- NICOLAU, Jairo. *O Brasil dobrou à direita*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- OAKESHOTT, Michael. Sobre ser conservador. In: CRESPIGNY, Anthony de; CRONIN, Jeremy (org.). *Ideologias políticas*. Tradução: Sérgio Duarte. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1981. p. 21-42.
- PAIVA, Mário Jorge de. Analisando a qualidade da democracia brasileira: a ascensão de Olavo de Carvalho como um reflexo da desconfiança política e da falta de accountability. *LEVIATHAN*, São Paulo, v. 17, p. 1-20, 2021a.
- PAIVA, Mário Jorge de. Elementos para uma apresentação do pensamento conservador: da disposição conservadora aos conservadorismos decorrentes. *Cadecs: Caderno Eletrônico de Ciências Sociais*, Vitória, v. 7, n. 1, p. 90-106, 2019.
- PAIVA, Mário Jorge de. *Introdução ao pensamento conservador do século XX e início do século XXI: das ideias de G. K. Chesterton até a nova direita brasileira*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021b.
- PAIVA, Mário Jorge de. Olavo de Carvalho e as pautas LGBTI+: análise introdutória do artigo Mentiras gays. *REBEH: Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 7, n. 22, p. 1-23, 2024.
- PAIVA, Mário Jorge de; VILLAÇA, Theo. Eric Voegelin conservador? Uma análise sobre a relação entre Eric Voegelin e o conservadorismo americano baseada nas críticas ao conceito de gnosticismo de a Nova Ciência Política. *Revista Estudos Políticos*, Niterói, v. 14, n. 28, p. 86-106, 2023.
- ROCHA, João Cezar de Castro. *Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico*. São Paulo: Autêntica, 2023.
- STOCKEMER, Daniel; BORDELEAU, Jean-Nicolas. *Conspiracy theories and their believers*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2025.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.



TRIGUEIRO, Gabriel Romero Lyra. *Neoconservadorismo versus paleoconservadorismo: um estudo sobre a genealogia do movimento conservador norte-americano no pós-Segunda Guerra e suas principais disputas identitárias*. Tese (Doutorado em História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.